

# LETRAS DE HOJE

Nº 42

DEZEMBRO DE 1980

CR\$ 100,00

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras

Centro de Estudos de Língua Portuguesa

**Letras de Hoje**  
estudos e debates de  
assuntos de lingüística,  
literatura e lingua  
portuguesa



n.º 42

Dezembro de 1980 - Ano 13

---

**EXPEDIENTE**

---

**LETRAS DE HOJE**

Fundada em 1967

Administração: Avenida Ipiranga, 6651  
Caixa Postal 1429  
90.000 Porto Alegre - RS

Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras/Centro de Estudos da Língua Portuguesa em convênio com o Conselho Federal de Cultura.

A revista aceita contribuições de sua especialidade.

A revista aceita trocas.  
On demande l'échange.  
We ask exchange.Diretor: Prof. Ir. Elvo Clemente  
Revisão e correspondência:  
Prof.<sup>a</sup> Maria Rita Ponsi Motta**Conselho Editorial**

Para assuntos lingüísticos: José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral e Urbano Zilles.

Para assuntos literários: Gilberto Mendonça Teles, Ignácio Antônio Neis, Petrona Dominguez de Rodriguez Pasqués e Regina Zilberman.

**Preço da assinatura**

— 4 números anuais —

Brasil: Cr\$ 300,00

Exterior: US\$ 25

Número avulso: Cr\$ 100,00

Os pagamentos podem ser feitos por cheques bancários ou através de vale postal em favor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

**SUMÁRIO**

Editorial .....	3
José Marcelino Poersch — Colocações gerais sobre lingüística pura e lingüística aplicada .....	7
Sebastião Josué Votre — Por uma lingüística aplicada à alfabetização .....	20
Lia Lourdes Marquardt — Lingüística e composição ....	35
Vera Regina Araújo Pereira — A lingüística e a leitura ..	48
Aracy Ernst Pereira — Análise da produção e compreensão em leitura sob um enfoque lexicológico .....	60
Ignacio Antonio Neis — Lingüística e tradutologia .....	88
Mehmet Yavas — A análise de erros e suas limitações ..	112
Feryal Yavas — Estamos vindo ou indo? Uma análise contrastiva dos verbos "vir" e "ir" em inglês e português .....	126

## EDITORIAL

Concebemos a lingüística como o estudo científico que tem a linguagem humana como objeto material. Se este estudo se debruçar sobre os elementos constantes da linguagem, sobre o sistema lingüístico e se for um estudo imanente, denominá-la-emos de microlingüística; tem a língua como seu objeto formal. Se este estudo abranger as flutuações, os elementos transcendententes, o processo, tratá-la-emos de macrolingüística; tem tantos objetos formais quantos forem os aspectos da linguagem.

A lingüística deve estar a serviço do homem e não este a serviço daquela. Não basta estudar a linguagem por mero diletantismo intelectual. O objetivo deste estudo deve transpor os umbrais do próprio objeto; deve procurar resolver problemas inerentes à própria utilização da linguagem e à sua aprendizagem.

A lingüística aplicada é um campo da ciência da linguagem que tem por objetivo utilizar os conhecimentos puros, tanto da microlingüística quanto da macrolingüística na solução de problemas práticos.

Neste número serão apresentados vários artigos em torno da lingüística aplicada. Num artigo introdutório, José Marcelino Poersch abordará "Colocações gerais sobre lingüística pura e lingüística aplicada". Na área de lingüística aplicada ao ensino da língua materna, apresentamos os artigos de Sebastião Josué Votre, "Por uma lingüística aplicada à alfabetização", de Lia Lourdes Marquardt "Lingüística e Composição", de Vera Regina Araújo Pereira "Lingüística e Leitura", e de Aracy Ernst Pereira "Análise da Produção e Compreensão em Leitura sob um Enfoque Lexicológico". Ignacio Antonio Neis escreve "Lingüística e Tradutologia". Na área da lingüística contrastiva, Mehmet Sukro Yavas apresenta "Análise de Erros e suas Implicações", enquanto Feryal Yavas realiza uma "Análise Cons-

trastiva dos Verbos de Movimento Vir Ir em Inglês e Português. Em número seguinte desta revista apresentaremos mais material específico abordando aplicações no ensino de línguas estrangeiras e aplicações da lingüística do texto.

**José Marcelino Poersch**  
Coordenador do curso de  
Pós-Graduação em Lingüística e  
Letras da PUCRS

## **COLOCAÇÕES GERAIS SOBRE LINGÜÍSTICA PURA E LINGÜÍSTICA APLICADA**

**José Marcelino Poersch**  
Professor de Lingüística  
Aplicada da PUCRS

### **1. A ABRANGÊNCIA DA LINGÜÍSTICA**

A lingüística pura, como ciência, tem um objetivo formal bem definido e um método próprio. É o estudo da língua em si e por si. É um estudo imanente; não interessam os elementos alheios ao seu objeto formal. Analisa o sistema lingüístico como uma totalidade fechada sobre seus elementos e suas regras combinatórias e estuda o seu funcionamento interno.

O método preconizado pelos estruturalistas que cunharam esta ciência é o indutivo. Visto não se ter acesso direto à língua por ela ser uma realidade mental e visto a ciência necessitar de dados físicos analisáveis, foi preciso encontrar um elemento sensível através do qual o elemento metafísico pudesse atingir os sentidos; a fala foi escolhida como este elemento. Partindo de um determinado corpus chegar-se-ia aos elementos da língua; das partes chegar-se-ia ao todo através de generalizações.

Já outros, como Hjelmslev, em seu livro **Prolegômenos a uma teoria da linguagem** (cap. 4), afirmam que o método da lingüística deve ser o dedutivo. Partindo de princípios gerais, realiza-se uma análise imanente, simples e exaustiva, tendo por base as dependências internas do objeto de estudo. É uma passagem da classe aos componentes, é um procedimento que analisa e especifica.

Faz-se questão de frisar que a única coisa que interessa à lingüística é a língua. No momento em que surgir qualquer aspecto alheio, qualquer elemento transcendente, este deve ser

afastado por não se enquadrar no objeto formal. Assim, enquanto o estudo do significado, a semântica, não se enquadrava nos parâmetros estritamente imanentes e necessitava, para a sua análise, da interveniência de dados externos, era considerada como a filha enjeitada da lingüística. Quando, porém, Hjelmslev conseguiu incluí-la no estudo da forma de conteúdo do sistema, recebeu um lugar apropriado: análise estrutural do significado, análise componencial.

Repare-se que os teóricos da lingüística nunca afirmaram ser a língua o único objeto estudável da linguagem. Pelo fato de colocar-se a linguagem como objeto material da lingüística fica implícito existirem diversas facetas distintas nesta realidade as quais, uma a uma, podem tornar-se alvo de estudo científico, podem constituir-se no objeto formal de tantas outras ciências da linguagem.

O estudo sincrônico da língua, o "hic et nunc", afastava a possibilidade de se realizarem estudos da variação lingüística, variação originada por aspectos espaciais (dialetos), por aspectos temporais (diacronia) ou por aspectos sociais e pragmáticos (os níveis de fala). Realmente, o contexto da fala não se enquadrava neste estudo científico.

A filologia, neste respeito, realizava um estudo mais humanístico, embora menos científico; encontrava o homem nos estudos da linguagem. A lingüística não era uma ciência humana, nem uma ciência social, apesar de os aspectos humanos e sociais serem reconhecidos pelo seu fundador, Saussure. Hjelmslev, no entanto, descartava-os totalmente. Lingüística é uma ciência pura, ciência por ciência, um estudo reduzido a um mundo totalmente fechado sobre si mesmo. É uma ciência formal.

Sem dúvida alguma, grandes e importantes estudos foram e continuam a ser realizados sob este enfoque.

Parece, no entanto, que esta lingüística não satisfaz a maioria da comunidade científica que estuda a linguagem. O campo de abrangência é muito restrito e descobrem-se cada vez mais aspectos que merecem igualmente a atenção. Estes aspectos se relacionam com o falante, o ouvinte e a situação; relacionam-se com o contexto todo que envolve o processo da linguagem: o ato de fala. Outros aspectos dizem respeito a outras ciências que são utilizados pela lingüística (estatística e lógica), ou que se beneficiam da lingüística: teoria literária,

estilística, poética, tradução, teoria da comunicação, ensino de línguas, antropologia e etnografia.

Victor Yngve, em seu artigo 'On achieving agreement in linguistics', afirma "existir um mal-estar crescente com as doutrinas mais fundamentais do estruturalismo e do descritivismo. Parece haver uma crescente necessidade de dar ênfase ao utente da língua".

Desta dialética surge a necessidade de modificar alguma coisa. Levantam-se duas alternativas: ou ampliar o significado de lingüística ou cunhar outros termos para dar conta dos multifacetados aspectos do estudo da linguagem. A segunda alternativa resolveria, parcialmente, o problema; daria, no entanto, a impressão de se estar lidando com duas realidades diferentes. A primeira alternativa parece mais indicada; ampliar o campo de abrangência da lingüística de molde a enfeixar, como num todo, os diversos objetos de estudo da linguagem.

A proposta é utilizar o termo lingüística em dois sentidos: sentido restrito e sentido amplo. A lingüística, stricto sensu, é a lingüística tal como foi estabelecida, no início deste século, por Saussure: o estudo imanente da língua. É a microlingüística. A lingüística, lato sensu, engloba todos os estudos relacionados com os "disjecta membra" da linguagem. Constitui a macrolingüística.

Desta maneira teremos tantas ciências da linguagem quantos forem os objetos formais possíveis de serem detectados do objeto material.

A microlingüística será o estudo dos elementos constantes da linguagem, o estudo do sistema que subjaz a qualquer processo; estuda a linguagem não como um "aglomerado de elementos heteróclitos, mas como um todo organizado sobre si mesmo, que não tem necessidade de basear a sua organização numa realidade extralingüística. É esta realidade que determina que uma língua permaneça idêntica a si mesma através de suas mais diversas manifestações.

A macrolingüística estuda a realidade ambiente, independente de que natureza for (física, fisiológica, psicológica, social, lógica, ontológica). É uma lingüística transcendental. Esta realidade exterior, logicamente, não constitui a linguagem, não é essencial, não é constante; mas sempre estará presente sob as formas mais variadas.

Não estará completo o estudo da linguagem que só abran-

ger uma parte da realidade total. Não resta a menor dúvida que o sistema é o elemento central, o elemento constante, o elemento ao redor do qual gira toda a outra realidade flutuante.

Concebemos, assim, a lingüística como a ciência que estuda a linguagem em todos os seus aspectos.

## 2. POR QUE APLICAR A LINGÜÍSTICA?

As investigações filosóficas bem como as pesquisas empíricas, tendo como escopo a formulação de teorias ou a confirmação de hipóteses, têm realmente sentido quando colocadas à disposição do homem para melhorar as condições de sua existência, para resolver os problemas práticos inerentes à mesma.

A natureza humana é composta de animalidade e racionalidade. A ciência pela ciência é uma atitude que pode satisfazer parte desta natureza, a parte racional.

Dentro do reino animal, o ser humano ocupa uma posição pouco privilegiada quanto a suas habilidades físicas. Dispõe, no entanto, de uma vantagem que lhe é característica, de um dispositivo que lhe permite superar grande parte das desvantagens que sofre em relação aos demais seres: o pensamento reflexivo. A racionalidade mune-o do raciocínio discursivo e este alça-o a uma posição de destaque no reino animal. Esta qualidade deve servir para realmente melhorar suas condições de sobrevivência.

Ao pensamento reflexivo está relacionada a linguagem. O homem utiliza a linguagem para modelar seu pensamento. O desenvolvimento do pensamento se processa através da linguagem. A linguagem, por sua vez, aperfeiçoa-se pela necessidade do pensamento. São elementos interdependentes. O desenvolvimento de ambos está relacionado com o desenvolvimento físico.

Amadurecimento físico, amadurecimento lingüístico e amadurecimento mental caminham de mãos dadas. Assim, a maturidade mental pode ser medida através de índices de maturidade lingüística; o desenvolvimento das operações mentais está relacionada com a idade cronológica.

A atividade reflexiva do homem debruçou-se, desde as épocas mais remotas da antiguidade de que se tem registro,

sobre o fenômeno da linguagem, enfocando aspectos os mais diversos, como a sua estrutura interna, seu funcionamento, sua origem, sua aquisição, sua função e seus usos. Inúmeros estudiosos, na história dos estudos da linguagem, desde o chinês Panine, passando pelos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles, até Saussure, marcaram a sua contribuição.

Muitos destes estudos objetivaram exclusivamente um conhecimento puro; estudava-se a linguagem para melhor conhecê-la, sem objetivos utilitaristas. Outros aplicaram estes conhecimentos. Assim o surgimento do alfabeto e, conseqüentemente, da escrita constitui um exemplo típico da aplicação dos conhecimentos da estrutura lingüística a serviço da comunidade. A invenção do alfabeto e da escrita é lingüística aplicada. Decorreu da descoberta de que o sistema lingüístico era composto de elementos discretos e de que a fala era duplamente articulada.

As investigações teóricas ou as pesquisas empíricas devem estar a serviço do homem. O homem deve constituir-se no último beneficiário dos mesmos. Não basta estudar a linguagem humana, fazer lingüística por um mero diletantismo intelectual. Os objetivos de um tal estudo devem transpor os limites do próprio objeto, devem ser utilitaristas. Devem levar o homem a resolver problemas inerentes à própria utilização da linguagem e de sua aquisição.

## 3. O QUE É A LINGÜÍSTICA APLICADA?

Assim, ao lado da lingüística pura temos a lingüística aplicada. A lingüística aplicada é um aspecto da ciência da linguagem teórica ou prática, que tem por objetivo utilizar os conhecimentos puros tanto da microlingüística quanto da macrolingüística na solução de problemas relacionados com a linguagem.

Esta lingüística aplicada pode ser teórica ou prática. Será teórica enquanto teorizar sobre as aplicações; constitui-se num discurso sobre a aplicação. Será prática no instante em que realmente resolver problemas práticos, é um fazer técnico.

Quando se afirma que a análise de erros serve para detectar as reais dificuldades encontradas na aprendizagem de línguas estrangeiras e de que os seus resultados podem ser aplicados na elaboração e gradação de materiais de ensino ou na análise de livros-texto, está se discursando sobre as aplicações da análise de erros; isto é lingüística aplicada teórica.

Porém, no momento em que, depois de inventariar os erros cometidos por um grupo de aprendizes de uma língua estrangeira, de classificá-los e de procurar as suas causas, se aproveitar estes resultados para, efetivamente, elaborar exercícios terapêuticos, estar-se-á fazendo *lingüística aplicada* prática.

A *lingüística aplicada*, que teve seu nome cunhado na década de 40, tem suas raízes fundamentadas no ensino de línguas estrangeiras. Ela surgiu da necessidade de realizar um ensino, no período da II Guerra Mundial, mais rápido e mais eficaz.

O campo da *lingüística aplicada*, no entanto, não se limita ao ensino de línguas estrangeiras. Qualquer atividade relacionada com a linguagem que possa beneficiar-se de alguma teoria geral da linguagem ou de aspectos particulares da mesma, constitui-se objeto da *lingüística aplicada*.

Apesar de a *lingüística aplicada* ter surgido para beneficiar o ensino de línguas não deve ser tomada como tábua de salvação deste ensino. Uma tal atitude significaria extrapolar os poderes da *lingüística* e ao mesmo tempo desmerecer a importância de outros elementos igualmente importante nesta atividade didática, quais sejam a psicologia e a pedagogia. A *lingüística* simplesmente constitui-se num dos elementos deste tripé. A sua contribuição é bem delimitada.

Os campos de aplicação da *lingüística* são cada vez mais diversificados. Pode-se fazer a aplicação da *microlingüística* bem como de cada uma das áreas da *macrolingüística*. Pode-se fazer aplicação das investigações teóricas bem como das pesquisas práticas; das próprias técnicas de análise bem como de aspectos interdisciplinares.

A mais importante aplicação da *lingüística* é o aproveitamento das teorias gerais da linguagem para a descrição de línguas particulares. Este estudo imanente de um determinado sistema *lingüístico* pode oferecer aplicações no ensino deste sistema como língua materna ou como língua estrangeira. Este conhecimento também pode ser aplicado à teoria literária (*método lingüístico*), à estilística, à *lingüística do texto*. Os conhecimentos de dois sistemas *lingüísticos* contrastados podem aplicar-se no processo de tradução e interpretação.

A *sociolingüística* e a *psicolingüística* não se constituem em *lingüística aplicada*; são ciências interdisciplinares. Os

seus achados, no entanto, podem ter aplicações valiosas no ensino de línguas e, mesmo, no processo de tradução.

A mesma afirmação pode ser feita da análise contrastiva e da análise de erros; não são *lingüística aplicada*; são técnicas da análise *lingüística* e constituem a *lingüística contrastiva*. São os seus resultados que podem ser aplicados em alguns aspectos do ensino de línguas. Deles pode ser feita *lingüística aplicada*.

#### 4. APLICAÇÃO DA LINGÜÍSTICA CONTRASTIVA: ANÁLISE CONTRASTIVA E ANÁLISE DE ERROS.

*Lingüistas* aplicados ao ensino de línguas estrangeiras afirmam que um dos aspectos mais relevantes no aprendizado de uma segunda língua é a influência exercida pelas semelhanças e diferenças estruturais existentes entre a língua materna do aprendiz e esta segunda língua.

Charles Fries, em seu livro *Teaching an learning English as a foreign language* (1945, p. 9), afirma que o mais eficiente material de ensino é aquele que é baseado sobre uma descrição científica da língua a ser aprendida comparada cuidadosamente com a descrição da língua materna do aprendiz.

Robert Lado, no prefácio de seu livro *Linguistics across cultures* (1957, p. VII), assume a posição de que "podemos prever e descrever as estruturas-padrão que irão causar dificuldade na aprendizagem e aquelas que não causarão dificuldade, pela comparação sistemática da língua e cultura a ser aprendida com a língua e cultura do aprendiz... e que estas diferenças, uma vez identificadas, podem diminuir os problemas de aprendizagem se expusermos o aprendiz a exercícios estruturais elaborados especificamente para mudar seu comportamento em pontos relevantes".

O tipo de análise *lingüística* que dá conta deste aspecto comparativo foi cunhado de análise contrastiva. Em seus primórdios, esta análise teve, portanto, objetivos essencialmente didáticos: seleção e organização de material conteudístico para o ensino de línguas estrangeiras.

Teoricamente, trata-se de uma análise que se propõe a comparar dois sistemas *lingüísticos* a fim de detectar suas semelhanças e, principalmente, suas diferenças. Insere-se num tipo de análise mais ampla, a análise comparativa. Difere, no entanto, desta por ser sincrônica e relacionar somente dois sistemas de cada vez.



A análise contrastiva obedece a uma metodologia específica que deve considerar três aspectos básicos: 1. que material selecionar e como selecioná-lo; 2. como contrastar o material; 3. como analisar os resultados. O corpus deve ser suficientemente amplo e bem organizado para ser de fácil manipulação. A descrição das línguas contrastadas pode ser feita de diversas maneiras; porém, numa determinada descrição, deve ser utilizado o mesmo modelo para as duas línguas.

Vários são, portanto, os momentos de uma análise contrastiva:

1. — Determinação das estruturas a serem confrontadas;
2. — Preparação do corpus nas duas línguas;
3. — Escolha do modelo lingüístico;
4. — Contratação do material;
5. — Análise das semelhanças e diferenças;
6. — Utilização dos resultados.

A análise contrastiva, ao comparar a língua materna do aprendiz e a língua alvo de aprendizagem, chega à conclusão de que certas estruturas dos dois sistemas confrontados são semelhantes ao passo que outras diferem. Ela afirma, outrossim, que esta conclusão permite prever as dificuldades encontradas e explicar as causas dos erros cometidos.

A influência da língua materna no aprendizado da língua estrangeira atua em duas direções, uma positiva e outra negativa. A direção positiva aponta para as semelhanças; são os aspectos que não apresentam dificuldades; estabelece-se uma mera transferência; a direção negativa corresponde às diferenças e aponta para os aspectos que constituirão problemas e possíveis tropeços; estas diferenças estabelecem uma interferência interlingual. De posse destes dados é possível programar os conteúdos para o ensino de uma língua estrangeira.

Convém evitar a assunção de posições estremadas como aquela que afirma que a análise contrastiva tem condições de prever todas as facilidades e dificuldades que o aprendiz poderá ter ao aprender um língua estrangeira, que pode prever todos os erros comissíveis. A análise contrastiva não deve ter esta pretensão extremada. Pesquisas várias mostram que uma tal previsão nem sempre corresponde à realidade; enquanto certos erros previstos não ocorrem, outros soem acontecer em situações não previstas. As facilidades, por outro lado, nem sempre estão concordes com o previsto. Devido a estas constatações, a análise contrastiva não deve ter pretensões con-

clusivas. Deve servir de base para a formulação de hipóteses de aprendizagem. Um outro dispositivo deverá ser acionado com objetivos de testar as hipóteses levantadas. Diferença de estrutura não deve, obrigatoriamente, significar dificuldade. Enquanto a análise das diferenças constitui um trabalho essencialmente lingüístico, a análise das dificuldades pertence ao campo da psicolingüística.

A aplicação da análise contrastiva ao ensino de línguas estrangeiras não constitui seu único objetivo. Apresenta um objetivo imaneente: contrastar dois sistemas lingüísticos pelo conhecimento em si, para obter um melhor conhecimento estrutural de ambos, para testar um determinado modelo e, principalmente, para testar hipóteses de universais e de novas teorias.

A par deste objetivo teórico, ela apresenta várias outras aplicações além daquela de selecionar, graduar e organizar material de ensino. De um lado, os seus resultados são utilizados vantajosamente em aspectos psicológicos, qual seja a elaboração de dicionários bilingües. De outro, o processo da tradução beneficia-se significativamente dos mesmos resultados na procura de estrutura lexicais e morfossintáticas da língua fonte e língua alvo que correspondam à equivalência de conteúdo. As conclusões são principalmente úteis à tradução mecânica. O tradutor, seja ele pessoa ou máquina deve conhecer perfeitamente as estruturas dos dois sistemas. Coincidentemente, enquanto o processo da tradução aplica os resultados da análise contrastiva, a tradução é um processo muitas vezes necessário na metodologia da análise contrastiva.

Com o avanço dos estudos dialetológicos, sociolingüísticos e psicolingüísticos, dedicou-se cada vez maior atenção às variantes lingüísticas e aos níveis de fala de uma mesma língua. Os diversos subsistemas de um mesmo sistema lingüístico originam-se por variações geográficas (dialetos), variações sociais (variedades decorrentes dos níveis sociais, dos estilos, das profissões e situações sociais) e variações psicológicas (formal, informal). Sentiu-se a necessidade de comparar esses subsistemas entre si e, principalmente, cada um deles com o subsistema considerado padrão. Desta maneira está se firmando a posição que pleiteia o alargamento dos horizontes da análise contrastiva de molde a nela incluir o estudo comparativo do subsistema privilegiado (língua culta padrão) com qualquer outro subsistema (dialeto ou variedade). Assim colocado, a análise contrastiva também terá a sua aplicação no ensino da língua materna. Reforça esta posição o fato de que,

em geral, o subsistema lingüístico ensinado na escola difere do subsistema aprendido em idade pré-escolar, o subsistema materno. A grande diferença entre o subsistema materno e o subsistema padrão é que este é ensinado sistematicamente ao passo que aquele é aprendido assistematicamente.

Finalmente, um outro campo de aplicação da análise contrastiva é a análise de erros, moderna técnica auxiliar no ensino de línguas, em duas de suas etapas, principalmente na primeira que consiste na identificação dos erros. A identificação dos erros é um processo essencialmente comparativo; o erro somente existe na medida em que uma construção difere daquela que é proposta e aceita pela comunidade como sendo a certa. O errado somente tem existência em função do correto. Esta existência tem valor relativo; o erro não existe em si, não tem valor absoluto, existe em relação àquilo que é considerado certo. O certo é aquilo que corresponde à variedade padrão de uma determinada língua.

Verifica-se, portanto, que a análise contrastiva, criada para fins de ensino de línguas estrangeiras, extrapolou rapidamente os limites de seus objetivos iniciais. Ampliou seu campo de ação, estendendo-se à comparação de subsistemas de uma mesma língua, e diversificou sua área de aplicação: testagem de hipóteses lingüísticas (modelos e universais), elaboração de dicionários bilíngües, programação de máquinas de tradução e, finalmente, teve aplicação obrigatória da nova técnica elaborada pelos especialistas da lingüística aplicada ao ensino de idiomas: a análise de erros.

A análise de erros é uma estratégia utilizada pelo professor de línguas que consiste em, partindo da atuação do falante, detectar as diferenças que separam a realidade lingüística do aprendiz da realidade esperada; em outros termos, pretende inventariar os progressos e as dificuldades do aprendiz. Procura-se mediante uma comparação entre as estruturas realmente produzidas e aquelas que deveriam ter sido produzidas.

Esta técnica objetiva: 1. diagnosticar as dificuldades; acompanhar ou verificar a aprendizagem; 2. elaborar materiais de ensino adequados à realidade; 3. exercer uma função terapêutica através de uma bem planejada realimentação e um treinamento mais intensivo nos aspectos que apresentam problemas; 4. analisar os conteúdos dos livros didáticos e de outros materiais de ensino.

Uma faceta importante deste tipo de análise é dar um no-

vo dimensionamento ao significado de erro. Este deixou de ser uma realidade negativa, um mal que deve ser evitado a todo o preço. A ocorrência de erros, no processo de aquisição de uma língua, deve ser aceita e interpretada como fazendo parte da estratégia de aprendizagem, uma etapa necessária no processo da aprendizagem.

É oportuna a distinção entre os erros casuais e erros sistemáticos. Os erros sistemáticos são erros de competência, de falta de conhecimento das regras da língua padrão. Tendem a repetir-se e têm sua origem na interferência da língua materna (interlingual) ou são o efeito de generalizações mal feitas na língua que está sendo aprendida (intra lingual). Os erros casuais são erros de desempenho, são lapsos ou enganos causados por situações psicológicas do falante. Em geral não se repetem e são assistemáticos.

Afirma-se que os erros de competência são conscientes no sentido de que são o produto do conhecimento real e atual, ainda que parcial, da língua alvo. Na realidade, o falante, utilizando o sistema (aproximativo ou intermediário) internalizado, produz enunciados de acordo com este conhecimento; para ele, portanto, não existem erros sistemáticos. O erro sistemático passa a existir para o ouvinte, para o professor, para o analista, na medida em que a estrutura emitida é comparada com estruturas elaboradas de acordo com a língua padrão. É por isso que, para detectar um erro, deve existir um ponto referencial, a língua padrão, o correto. A competência lingüística do aprendiz corresponde a um sistema aproximado do sistema ideal. O aprendiz encontra-se em estágios de conhecimento que se aproximam cada vez mais da língua alvo. Os erros servem para indicar a etapa de conhecimento em que ele se encontra.

O processo da análise de erros compreende três momentos: a identificação, a descrição e a explicação. O processo de identificar consiste em detectar pontos de divergência entre a estrutura emitida e a estrutura que deveria ter sido emitida de acordo com o sistema que se convencionou ser o padrão. Existe uma metodologia bastante complexa para realizar esta operação, variando de acordo com a presença ou a ausência do falante no momento da análise. Sempre é preciso saber o que o falante quis dizer, a substância de conteúdo no processo, para determinar a forma da expressão esperada.

A explicação relaciona-se com a maneira como o erro aconteceu e a possível causa que o provocou. É uma etapa especulativa e hipotética.

A análise de erros só pode existir se envolvido no próprio processo ensino/aprendizado. Não tem razão de existir fora desta realidade; é uma técnica didática mais do que uma técnica lingüística, apesar de aplicar os conhecimentos desta. Relaciona-se com a lingüística por trabalhar com a linguagem; necessita de um modelo lingüístico para a etapa da descrição. Para a identificação dos erros, lança mão da comparação de sistemas; a análise contrastiva permite o levantamento dos erros interlinguais. A comparação de subsistemas permite explicar os erros intralinguais. A psicolingüística e a sociolingüística favorecem a explicação dos erros casuais.

Originariamente, trata-se de uma técnica desenvolvida pela didática do ensino de línguas estrangeiras; está, rapidamente, extrapolando para a didática do ensino da língua materna.

O professor de línguas dispõe desta técnica para, através de testes bem planejados ou através da análise de material escrito ou oral, coletado de forma livre ou devidamente orientado, verificar a competência dos alunos em relação aos conteúdos ministrados. Com base na diagnose das dificuldades poderá ser elaborado material terapêutico; certos aspectos deverão ser apresentados novamente, outros necessitarão de exercícios de fixação.

Convém realizar um inventário dos aspectos que normalmente apresentam as maiores dificuldades; este inventário permitirá a previsão de dificuldades para outros alunos e ajudará à preparação de materiais de ensino adequados e atualizados.

Os resultados da análise de erros podem também ser utilizados pedagogicamente para seqüenciar e graduar o material a ser ensinado, tanto a nível de conteúdos programáticos quanto a nível de unidades e exercícios.

Outra aplicação importante é a avaliação de conteúdos de livros-texto, em especial, e de materiais de ensino, em geral. Convém que as estruturas oferecidas pelo livro-texto sejam simplificados de tal forma que correspondam a um certo estágio do aprendizado da língua.

A parte da análise contrastiva que se aplica ao ensino de línguas não deve ter pretensões de predizer todas as dificuldades que o aprendiz realmente encontrará. Para determinar estas dificuldades o lingüista aplicado deve utilizar-se vantajosamente da análise de erros.

Por outra, na análise de erros, tanto na fase de identificação quanto na fase de explicação, o lingüista aplicado obrigatoriamente deverá recorrer à técnica da análise contrastiva. Isso significa que se trata de duas técnicas distintas que usam metodologias diferentes e possuem objetivos específicos próprios.

A análise contrastiva, como técnica lingüística de análise, não se relaciona diretamente com a análise de erros e dispensa-a. No entanto, no momento em que for aplicada ao ensino de línguas, para apontar as dificuldades de aprendizagem, deve ser corroborada pela análise de erros.

A análise de erros, por sua vez, não pode prescindir da análise contrastiva, principalmente se esta for tomada no seu sentido mais amplo.

Feitas estas considerações, é vantajoso enfeixar estas duas análises dentro daquela parte da lingüística que se convencionou chamar de lingüística contrastiva. Esta lingüística, quando visa exclusivamente a comparar sistemas ou subsistemas lingüísticos, denomina-se de análise contrastiva. No momento em que ela tiver pretensões pedagógicas no ensino de línguas recebe o nome de análise de erros.